

3.º ANO

REVISTA DO FOLK

PARA O ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES

DIRIGIDA POR JOSÉ DA SILVA VIEIRA

E COLLABORADA POR TODOS OS FOLK-LORISTAS PORTUGUEZES E ESTRANGEIROS

N.º 4 VOL. III

BARCELLOS

Tradições populares

Trabalho offerecido ao meu amigo

FERNANDO MARINHO

VAMOS hoje na nossa *Revista*, publicidade a duas composições notáveis. Não imaginem os leitores que vão lêr alguma aventura, feita por algum guerreiro antigo, não; as composições de que vos fallo, são:—*As Mil Mentiras* e os *Disparates*.

Não são ellas originaes, pois que as copiamos do nosso presado collega—*Aurora do Cavado*—, aquelle que de tão boamente tem sedido suas columnas a este importantissimo ramo de sciencia.

Hoje, que temos implantado—definitivamente—o estudo scientifico das tradições populares em Portugal, não temos só em mira publicar artigos originaes, mas sim republicar n'esta *Revista* todas as escavações ethnographicas, que, como estas, se tornam importantes,

—já pelo seu valôr real, já pelo seu criterio.

A nossa revista, ainda neóphyta no mundo scientifico, tem merecido o applauso dos mais avalisados n'estes estudos, tanto de Portugal como do paiz visinho.

A pouco e pouco se deve extinguir do rosto do povo portuguez —o modo porque costuma encarar este assumpto a que os inglezes chamam—*FOLK-LORE*.

E' Portugal o menos explorado e o que menos periodicos e revistas conta, dedicados exclusivamente a este assumpto; até ao presente, só ha a nossa; e os jornaes que mais se teem distinguido são:—*Aurora do Cavado*, de Barcellos; *Elvense* e *Sentinella da Fronteira*, de Elvas, e o *Penafidense* de Penafiel;—são estes quatro jornaes que no nosso paiz tem dado entrada em suas columnas ás nossas tradições populares.

Portugal, tão rico de tradições, podia hobrear com as nações mais adiantadas, formando-se uma biblioteca—ou bibliothecas—, para n'ella se recolher todos os materiaes que andam dispersos por esses jornaes, taes como:—uma riquissima colleção de—*Contos e comparações populares*,—impresas pelo

nosso amigo e distincto collaborador d'esta revista, o Exm.^o Sr. Antonio Thomaz Pires, na *Sentinella da Fronteira*; *As Tradições Populares da Provincia do Douro*, por J. Vieira d'Andrade, na *Aurora do Cavado*; e ainda muitas outras, que não menciono para não alongar muito esta minha introdução, que já vae sendo bastante longa.

Nós, ainda nascentes n'este assumpto, conhecemos perfeitamente a falta que se faz notar entre nós d'uma bibliotheca destinada á *Ethnographia Portugueza*; por isso pedimos ao auxilio de todos os ethnographos portuguezes, com suas produções a esta revista, para vêr se mais tarde podemos obtêr a desejada empreza, para o que tanto nos esforçamos.

Por agora, nada mais diremos para dar lugar *A's Mil Mentiras* e aos *Disparates*, fragmentos da musa popular de Villa Real e Arcos de Val-de-Vez. O que devêras sentimos é não ter o gosto de conhecer seu productor.

José da Silva Vieira.

AS MIL MENTIRAS

Ágora que eu tenho tempo,
Vou-me contar mil mentiras:
Por o mar andam as lebres
Que parecem cotovias;
Por os montes sardinhas,
E por os telhados pardinhas.
D'esta idade que eu estou
Ninguem tem visto mais que eu;
Vi a cidade de Vizeu
E a cidade d'Angola,
Tudo dentro de uma hora;
Sette sacos de cominhos
A's ancas do meu cavallo;

Tambem vi correr um gallo
Mais que trinta cavalleiros;
Tambem vi quatro carneiros
Vencedores de bateis;
Tambem vi quatro pinceis
Para mastros de navios;
Tambem vi dois passarinhos
Fazer livros de rezar;
Tambem vi carros no mar
Carregados d'alfenins;
Vi as torres d'Almoirim
Pelejar c'uma formiga,
Qual debaixo qual de cima
Fez-lhe sangue na barriga,
Bem na vi metter á toca
Estando dentro uma minhoca;
Sette gattos n'uma eira
A derricar n'um borrifador;
Vi um cão tocar trombeta,
E um porco n'uma gaveta.
Indo eu por aqui abaixo
Caminhos que eu nunca vi,
Encontrei-me com uma pereira
Carregada de maçãs;
Fui acima, colhi avelãs;
Veio o dono do faval,
Quem o manda colher avelãs
No faval que não é seu!
Abaixou-se a um torrão,
Acertou-me com um melão,
Acertou-me com um pepino
Na roda de um joelho,
E fez sangue n'um cabelo,
Que me fez doer um braço,

Villa Real.

DISPARATES

Oh! lindamente cantava
Uma velha envergonhada:
Já fui flôr, já fui menina,
Já fui velha, sou sizuda,
O tempo é que muda tudo.
Oh Jesus de Nazareth,
Valei-me e sêde commigo

Que não tenho um amigo
 Que lealmente me seja,
 Fui-me á barca da pereira
 Sem saber o que fazia.
 Maria, minha Maria,
 Recolhe-te que chovista,
 Que Izabel e mais Francisca
 Foram lavar ao mar,
 P'ra não lavarem no Tejo;
 E a Maricotas do brejo
 Tem um mantel sem refego.
 Recolhe-te que lá vem o gallego
 Com soberbo desatino.
 Caiu a torre do sino
 Que o mandou o conselho,
 E carrasco é desterro;
 Eu bem desterrada ando,
 E o navio do anjinho,
 A Lisboa vae chegando
 Carregadiuho de vinho.
 Oh que linda lettra aquella!
 E o mano da avarella,
 Foi-se metter estudande.
 S. Gonçalo d'Amarante,
 Que estaes á borda do rio,
 Em nenhum matto me fio
 Porque tudo são abraços.
 Tecedeiras rachadoras,
 Porque me daes tão mau pago?
 Pastores do gado branco
 Não torneis mais á ribeira,
 Que minha mãe mette-me freira
 No convento de Thomar,
 E eu não quero lá entrar.
 Porque sei o que lá vae,
 Hei-de apostar com Cambraia.
 Cambraia cose Joanna,
 Lá vem Maria e mais Anna
 Com todo o brio que tem.
 Retire-se lá quem vem,
 Não se chegue para mim;
 Porque finalmente
 Meus suspiros ouvireis
 E meus combates vencereis.

Villa Real.

DISPARATES

Tenho catarro nos olhos
 Estabelecido no cachaço,
 Sou maneta d'um ouvido
 Não ouço bem d'este braço.

Arcos de Val-de-Vez.



FOLK-LORE ALENTEJANO

XXII

CANTIGAS DO NATAL

(Continuado do n.º 3 da 3.ª serie)

O' meus menino Jesus,
 Meu amor atribulado,
 Vamos ambos para o ceu,
 Que este mundo é desgraçado.

O' meu menino Jesus,
 Neto da Senhora Sant'Anna,
 Filho da Virgem Maria,
 Vallei a quem vos ama.

O' meu menino Jesus,
 O' meu tão bello jasmim,
 Levae-me já para vós,
 Ou Vós vinde p'ra mim.

O' meu menino Jesus,
 Bequilha de requieirão,
 Quizera comê-a toda,
 Conforme o meu coração.

O' meu menino Jesus,
 Boquilha de marmelada,
 Quizera comê-a toda,
 E não vos deixara nada.

O' meu menino Jesus,

Minha vida, meu amor,¹
Nasceste no rigor do frio,
Podendo nascer p'lo calor.

O' meu menino Jesus,
Que tanto a pobreza amaes,
Foste nascer no presepe,
E entre dois animaes.

O' meu menino Jesus,¹
Alphajatinho soberano,
Manda-me lá desses ecus
Um retalhinho de pano.

O' meu menino Jesus,
O meu tribulado amor,
Vamos ambos para o ceu
Seja de que modo for.

O' meu menino Jesus,
O' meu menino tão bello,
Vou lavar os cuéirinhos,
A' fonte do caramello.

Tenho para offer'cer
Ao bom Jesus, Deus menino,
Na noite do nascimento,
Um mansinho cordeirinho.¹

Perdoai-me meu menino,
As minhas desattonções,
Pois me desengana o mundo,
Com suas ingratições.

O menino está dormindo,
Nas palhinhas despido,
Os anjos lhe estão cantando,
Pobre amor tão pobresinho.

O menino está dormindo,
Nas palhinhas com pobreza,
Os anjos lhe estão cantando,
Meu amor, minha riqueza.

O menino está dormindo,
Nas palhinhas sobre a neve,
Os anjos lhe estão cantando,

Ditozo de quem vos serve.

N'essa lapa repouzaes
Exposto a todo o rigor,
Das inclemencias do tempo,
Tudo só por nosso amor.

Lança-me meu Deus menino,
A vossa benção sagrada,
E vos peço que a minha alma
Seja só vossa morada,

O menino está dormindo,
No presepe de Belem,
Os anjos lhe estão cantando,
Nosso Amor e nosso Bem.

O menino está dormindo,
Um somno muito profundo,
Os anjos lhe estão cantando,
Gloria ao Salvador do mundo.

O menino está nascido,
Lá dentro da lapa fria,
S. José o agasalha
Com o manto de Maria.

Bem podia Deus nascer
N'uma cama d'ouro fino,
Mas p'ra dar exemplo ao mundo,
Quiz nascer tão pobresinho.

Já os filhos de homem rico,
Nascerem em leitos doirados,
Só o meu menino de Deus,
N'umas palhinhas deitado.

O menino está nascido
Sobre palha asp'ra e fria,
Os anjos lhe estão cantando,
Gloria á Virgem Maria.

ELVAS,

(Continúa)

Antonio Thomaz Pires.